

## **A *Durcharbeitung* freudiana e o tempo lógico em Lacan: uma articulação possível**

Ricardo Monteiro Guedes Almeida<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

## Introdução

No texto *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895/2010i), encontramos o entendimento de que o analisando realiza um certo trabalho. Isso é possível observar na passagem sobre as conversões histéricas, já que Breuer utiliza a elaboração psíquica em termos de uma expressão decorrente de Charcot e relativa a um período de incubação. Conforme o exemplo apresentado por ele, no qual, em decorrência de um acidente ferroviário, cenas assustadoras tornam a ser vivenciadas por um sujeito, “a cena aterradora é revivida no sono e na vigília, sempre como a renovação do afeto de pavor” (Freud, 1893-1895/2010i, p. 301). Passado esse período de elaboração, “realiza-se enfim a conversão em fenômeno somático” (Freud, 1893-1895/2010i, p. 301). Assim, podemos afirmar que a “elaboração psíquica” era associada a um período de incubação determinante. Talvez por causa desse caráter decisivo, essa noção de elaboração foi abordada inicialmente como algo homólogo à ab-reação no tratamento hipnótico.

Nesse mesmo estudo sobre a histeria (Freud, 1893-1895/2010i), podemos encontrar o famoso caso de Anna O., aquele que foi determinante não apenas para o método catártico de Breuer, como também para as ideias posteriores de Freud. A descoberta, proporcionada por esse caso, da função da fala, foi um primeiro passo para o advento da psicanálise. Além disso, podemos afirmar que o reconhecimento, por parte de Freud, da ineficácia da hipnose e a proposição da associação livre como um método que não dissimula as resistências foram decisivas para o advento da psicanálise.

Freud, não apenas reconheceu a função da fala, como também passou a entender a resistência como um efeito do próprio dispositivo psicanalítico e um obstáculo ao tratamento, uma força contrária a toda mudança subjetiva que surge quando se tenta acessar as representações inconscientes, tal como ele pôde constatar com o caso da Srta. Elisabeth Von R. (Freud, 1893-1895/2010i). Não obstante, paradoxalmente, a elaboração do método psicanalítico só foi possível quando a resistência passou a ser reconhecida por Freud e não dissimulada. De acordo com Birman e Nicéas (1981, p. 171), “um dos traços geniais de Freud é o de ter tido a coragem de transformar os obstáculos com que se defrontava em questões a serem resolvidas”.

No confronto com a resistência, o analisando é induzido ao trabalho, pois “a ab-reação caía para segundo plano, parecendo substituída pelo dispêndio de trabalho que o analisando tinha que fazer” (Freud, 1914/2010a, p. 163). Na livre associação das ideias, o sujeito lida necessariamente com as próprias resistências, confrontando-as e sendo levado, por esse confronto e pelo próprio método psicanalítico, a trabalhar. O sujeito já não se encontra de forma passiva, tal como acontecia no método da hipnose (Bernardes, 2003).

Dessa forma, podemos afirmar que o significativo trabalho, *Arbeit*, fez-se presente desde muito cedo na obra de Freud. Na verdade, podemos encontrá-lo em diversos

contextos, mesmo que articulado em diferentes expressões. Por exemplo: trabalho do sonho (*Traurnarbeit*); trabalho de interpretação (*Deutungarbeit*); elaboração psíquica (*Bearbeitung/Ausarbeitung/Aufarbeitung/psychische Verarbeitung*); trabalho intelectual; trabalho psíquico, entre outras formas. Porém, nosso interesse neste artigo é o conceito freudiano de *Durcharbeitung*.

Iniciamos circunscrevendo a palavra de origem alemã, referida por Freud: a *Durcharbeitung*. Salientamos quão difícil é encontrar uma tradução, na língua portuguesa, que seja mais apropriada, existindo, assim, várias alternativas. Em nosso artigo, adotamos, excepcionalmente, a tradução por “perlaboração” (Laplanche & Pontalis, 1996), mas usaremos, na maioria das vezes, a expressão original em alemão, seja na forma substantiva, *Durcharbeitung*, seja na verbal, *durcharbeiten*. Esses termos são utilizados por Freud, em sua vasta produção, de uma forma muito pontual.

Encontramos os termos supracitados, especificamente, em três de seus trabalhos: nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895/2010i); no artigo “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/2010a); e em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2010b). Esses são os principais textos com os quais trabalharemos neste artigo, visando entender o motivo pelo qual Freud referiu-se ao termo *durcharbeiten* como uma espécie de trabalho que exerce, nos pacientes, “o maior efeito modificador” (Freud, 1914/2010a, p. 209). Trata-se de um trabalho de atravessamento que se faz sob transferência. O que nos leva a questionar: se a *Durcharbeitung*, por se tratar de algo inerente ao trabalho do analisando, refere-se a uma elaboração analítica que se faz presente ao longo de um percurso psicanalítico, de que maneira ela se encontra articulada à questão do tempo no processo analítico?

Essa será nossa questão norteadora no percurso teórico que se segue. Para tanto, iniciamos discutindo sobre a maneira como Freud vinculou a resistência à exigência de satisfação pulsional. Nosso objetivo maior será refletir sobre como essa força contrária à análise, a resistência, será alvo da perlaboração, isto é, da *Durcharbeitung* propriamente dita. Em seguida, abordamos a leitura freudiana de que a *Durcharbeitung* deve ser entendida como uma fase de esforço tenaz do analisando. Por fim, com base numa leitura lacaniana, articularemos esse conceito freudiano com os três tempos lógicos da análise.

## O *durcharbeiten*, apesar e por causa da resistência

Em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1914/2010a) apresentou, pela primeira vez, o verbo *durcharbeiten*. Como veremos, essa expressão diz respeito a uma necessidade que se faz presente apesar e por causa dos obstáculos à rememoração. Para entendermos isso, é imprescindível uma reflexão sobre os conceitos clínicos de resistência, atuação, transferência, recordação (*erinnerung*) e repetição (*wiederholung*). Assim, antes de entrarmos no uso que

Freud faz, nesse texto de 1914, do termo *durcharbeiten*, é necessário retomar o problema do método psicanalítico tal como foi apresentado aos psicanalistas daquela época. Dito de outro modo, seguiremos a reflexão freudiana sobre a passagem de um método baseado na hipnose e na sugestão, no qual a *Durcharbeitung* do analisando era desnecessária, e a resistência, suprimida, para uma concepção do tratamento focada no método essencial da associação livre, que impõe a necessidade da *Durcharbeitung*, apesar e por causa da resistência.

Freud (1914/2010a) inicia o texto “Recordar, repetir e elaborar” comentando sobre a passagem da fase da catarse de Breuer para a fase da associação livre do paciente. Ao sintetizar esses momentos e suas respectivas técnicas, destaca que a primeira fase visava a recordar e a ab-reagir com o auxílio da hipnose. O processo de recordar, até então, consistia em colocar o paciente de volta em uma situação anterior, enquanto ele fornecia um relato dos processos mentais inconscientes ali encontrados. Esses processos inconscientes eram transformados em conscientes e os resultados dessa transformação eram acrescentados a todo o resto. Por meio da hipnose, os processos psíquicos únicos de análise foram expostos de forma esquemática, mas o recordar que ela induzia não passava de algo comparável a “um experimento de laboratório” (p. 202), uma reprodução de uma situação anterior. Freud abandonou esse método, principalmente por causa da descoberta do fenômeno da resistência, e adotou o método da associação livre. Com esse novo método, o principal objetivo era descobrir aquilo que o paciente deixava de recordar. Assim, a finalidade permanecia sendo a mesma, independentemente da técnica adotada, isto é, preencher as lacunas na memória.

Essas lacunas deveriam ser preenchidas pela rememoração. Certamente, para Freud, esse era o objetivo primordial de uma análise: restabelecer o material que caiu no esquecimento por causa do recalçamento, contudo ele ainda encontrava, na resistência, um obstáculo. Afinal, essa dificuldade continuava sendo um efeito do dispositivo psicanalítico. Apesar de ainda ter a rememoração como objetivo, nem sempre, ela era bem-sucedida quando, por exemplo, alguma lembrança não era evocada.

A impossibilidade de tudo lembrar serve de justificativa ao método que foi adotado e concebido, desde então, como fundamental, porque, se antes, o tratamento com a hipnose mantinha uma relação com a recordação, agora a associação livre se encontra ligada à repetição que se manifesta na análise por meio da atuação. Nas palavras de Freud (1914/2010a, pp. 199-200), “Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz”. Aquilo que não pode ser lembrado é repetido, em outras palavras, posto em ato. Freud percebeu que o paciente repete, na sua relação com o analista, comportamentos e atitudes. Nisto consiste o fenômeno da transferência na análise: atuação do paciente movida por componentes psíquicos recalçados que se atualizam, fazendo surgir, pela via do ato, aquilo que a rememoração não pode trazer à lembrança. Segundo Freud (1914/2010a, p. 201), “Quanto maior a resistência, mais

extensivamente a atuação (*acting out*) [repetição] substituirá o recordar, pois o recordar ideal do que foi esquecido, que ocorre na hipnose, corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado”. Sendo assim, a resistência exerce um fator determinante sobre a repetição.

A compulsão à repetição (*wiederholungszwang*) não mantém uma relação estreita apenas com a resistência, pois, como Freud nos leva a entender, a transferência serve de palco onde as repetições são encenadas, e o passado do sujeito se encontra com o presente. O fenômeno da transferência é um fragmento da repetição. Certamente, quanto mais a transferência se revela hostil, mais se repete.

Nessa perspectiva, há uma conjunção entre o *Agieren* (*acting out*) transferencial e a repetição. Consoante Freud (1912/2010c), em “A dinâmica da transferência”, o paciente tenderia a atuar no intuito de evitar a recordação de uma experiência infantil reprimida. Logo, ele aborda, nesse texto, a relação transferencial como uma resistência ao trabalho de investigação analítica. Nessa relação, encontraríamos, então, um processo defensivo do ego perante o analista. Por que e como isso acontece? Porque a atitude psíquica diante dos aspectos infantis reprimidos – as tendências pulsionais às quais o ego faz oposição e que se mantêm insatisfeitas, o que aconteceria por meio de uma transformação, isto é, na transferência – o analista é transformado em um representante dessas tendências pulsionais rejeitadas, em outras palavras, ele é integrado a uma das séries psíquicas já existentes no psiquismo do analisando, “clichê (ou vários), que no curso da vida é regulamente repetido, novamente impresso” (Freud, 1912/2010c, p. 135).

Encontramo-nos, novamente, diante da repetição, porém a distinção entre recordação e repetição só será abordada, de forma efetiva, por Freud (1914/2010a) em “Recordar, repetir e elaborar”. Lacan (1964/2008a) sustenta que a repetição descrita anteriormente condiz com o *autômaton*, ou seja, a repetição dos significantes. Trata-se de uma das duas vertentes que Lacan distinguiu no conceito fundamental de repetição, sendo a outra denominada de *tique*.

O *autômaton* é um termo que foi tomado emprestado de Aristóteles, mas que, em Lacan, é usado para se referir à insistência dos signos, o automatismo inconsciente da cadeia de significantes no qual é marcado o retorno, essa volta insistente dos signos sob o domínio do princípio do prazer. Então, o sentido utilizado por Freud, na citação anterior, de clichê estereotípico, caracteriza essa constante repetição que segue a lei do *autômaton*. Lacan (1964/2008a) indicará, em seu *Seminário 11*, algo que vai além dessa repetição, um mais além do princípio do prazer, o encontro com o real.

Retornando a Freud (1912/2010c), não podemos esquecer que a transferência é pensada por ele, em “A dinâmica da transferência”, como estando a serviço da resistência. Para ele, isso se apresentava como algo enigmático, já que “a transferência nos aparece

como a mais forte resistência ao tratamento, enquanto fora da análise temos que admiti-la como portadora da cura, como condição do bom sucesso” (p. 137). Em suma, em “A dinâmica da transferência” (Freud, 1912/2010c), a resistência se encontra relacionada à repetição do que preside à formação do sintoma e encontra, na transferência, a sua principal arma. Assim, a transferência é, paradoxalmente, uma resistência àquilo que a psicanálise exige no sentido da recordação e da verbalização, o que não muda o fato de que a transferência continua sendo outra forma de atualizar o passado, diferentemente da rememoração. Nas palavras de Lacan (1960-1961/1992, pp. 175-176),

A presença do passado, pois, tal é a realidade da transferência. Não existe já alguma coisa que se impõe, e que nos permite uma formulação mais complexa? É uma presença um pouco mais que presença – é uma presença em ato, e como os termos alemães e franceses o indicam, uma reprodução.

Encontramos aqui uma noção de tempo em que a cronologia sofre uma torção. Como indicado por Lacan (1960-1961), somente a partir do aqui e do agora da transferência é que um passado se configura. Essa questão já estava posta em Freud, mais especificamente em sua análise do caso do *Homem dos Ratos*, na qual a questão do novo se apresentava a partir da relação transferencial com o analista. Como Freud (1909/2010d, p. 71) comenta, “Em tal escola do sofrimento adquiriu aos poucos a convicção que lhe faltava, que teria sido evidente para qualquer outro não envolvido pessoalmente”. Convicção sobre o quê? Sobre a existência inconsciente de seu ódio ao pai. Esse ódio ao pai, sua relação edípica, é vivenciado pelo *Homem dos Ratos* como algo novo e real. Isso só se sustenta em uma compreensão da transferência que não se restringe simplesmente ao retorno do passado. É mais que isso, porque diz respeito a uma atualização que ocorre no presente da transferência, por meio da qual o sujeito tem a oportunidade de vivenciar o que lhe determina e, assim, produzir novas alternativas em sua relação com o campo do Outro Inconsciente, estruturado por uma linguagem, e com a própria satisfação pulsional para além do Princípio do Prazer, que Lacan (1959-1960/2008b) no *Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, denomina de gozo.

A realidade da transferência é a presença do passado, uma presença como reprodução em ato. Estamos, cada vez mais, caminhando no sentido da questão da produção do novo, da criação que, no *Seminário, livro 8, A transferência*, é referida por Lacan (1960-1961/1992) por meio do termo reprodução em ato. Nesse sentido, podemos afirmar que existe algo de criação na transferência, ou seja, o sujeito constrói alguma coisa para a pessoa a quem se dirige (Lacan, 1960-1961/1992). Essa questão do novo também foi abordada por ele, em seu *Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1964/2008a), no que diz respeito à repetição. A repetição tem, também, a dimensão da *tiquê*; nesta, há a produção do novo em função da repetição do encontro com o real, do encontro com o nonsense da fala. De acordo com Lacan (1964/2008a, p. 65), “A repetição demanda o novo.

Ela se volta para o lúdico que faz desse novo a sua dimensão”. Esse novo sentido possibilita ao sujeito a chance de se desvencilhar de algumas de suas repetições. Nesse encontro com o real, ele é levado a uma nova significação e a uma nova elaboração das fantasias, o que pode representar ainda uma inovação na sua forma de gozo e de relação com o Outro.

A presença, em ato, do passado é uma forma de definir a *Agieren* transferencial freudiana, mas, se em Freud, encontramos a compreensão da transferência como a repetição de estereótipos inconscientes, Lacan, por sua vez, em seu *Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, definiu-a como “atualização [*mise en acte*] da realidade do inconsciente” (Lacan, 1964/2008a, p. 147, grifos nossos), pois ele não apenas concordou com a concepção freudiana de que a sexualidade era consubstancial à dimensão do inconsciente como também se empenhou em retomar a concepção de Freud de que a realidade do inconsciente é a realidade sexual.

A atualização da realidade do inconsciente não deixa de ser outra forma de definir o *Agieren* transferencial. Podemos, então, contrapor a repetição (*wiederholung*) à recordação (*erinnerung*) com o intuito de entendermos como o verbo *durcharbeiten* é inserido por Freud em seu artigo “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/2010a), no qual o pai da psicanálise se encontra às voltas com a situação em que o analisando não consegue recordar tudo, uma vez que algo ficou recalçado e só pode ser expresso por intermédio da ação repetida. Em um texto posterior, esse limite da recordação é pensado por Freud (1920/2010e, p. 177) em termos de uma oportunidade: “O doente não pode lembrar-se de tudo o que nele está reprimido, talvez precisamente do essencial”.

A análise visa a marcar a existência dessa parte essencial que, normalmente, passa despercebida pelo analisando. Por conseguinte, o método fundamental da psicanálise, diferentemente da hipnose, é, no fundo, caracterizado pela repetição. O que se repete é o impossível de se dizer, o impossível de recordar. *Por outro lado*, não podemos esquecer que o objetivo da psicanálise não é a repetição.

Mediante a associação livre, a psicanálise convoca verbalização e rememoração. Porém, o objetivo de conduzir o paciente à rememoração não era completamente atingível, posto que se deparava com um limite. Freud entendia, assim, que esse objetivo deveria ser perseguido, apesar do método da associação livre não ser capaz de alcançá-lo plenamente. De tal modo, nesse objetivo, o impossível de rememorar não deixa de lhe ser intrínseco. Não podemos tomá-lo por um simples desejo de Freud de tornar consciente todo e qualquer “esquecido”, pois essa impossibilidade de rememorar não se apresenta, no método da associação livre, como uma barreira a ser ultrapassada. Em lugar disso, ela deve ser entendida como algo a ser perseguido, mesmo que nunca venha a ser conquistado.

Freud permaneceu, até os seus últimos trabalhos, com a convicção de que se deveria continuar tentando, enfrentando, de forma insistente esse limite da análise. Para ele, isso

consistia num impasse a ser enfrentado por todo bom analista. Segundo Bernardes (2003, p. 57), essa insistência proposta por Freud diz respeito ao “fazer falar o não dito, recalcado, a fim de fazer a cada vez e exaustivamente, um contorno do impossível de dizer”. Essa autora entende que, justamente nessa dialética, a *Durcharbeitung*, na análise, encontra-se inserida, conforme observamos na seguinte passagem de Freud (1914/2010a, pp. 207-208):

[...] o médico tenha apenas esquecido que nomear a resistência não pode conduzir à sua imediata cessação. É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência para agora conhecida, para que a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise.

Para elaborar, para superar aquilo que se apresenta ao analisando na forma de resistência, é necessário tempo. Faz-se então necessário esperar e deixar as coisas seguirem o seu curso dentro do tempo que for necessário para que o analisando, com relação à resistência, possa, como encontramos em algumas traduções, “perlaborá-la”. Não basta o analista comunicar ao analisando a sua descoberta para que uma mudança em seu estado psíquico seja efetivada. Sem a elaboração do analisando, isso nunca ocorrerá. Aqui, a diferença entre ouvir algo e experimentar algo se torna evidente.

Freud (1914/2010a), logo em seguida à passagem citada, afirma que a “elaboração” das resistências não é uma tarefa fácil e exige, do analista, muita paciência, o que não muda o fato de que dela provêm as maiores mudanças no sujeito. A elaboração da resistência é um trabalho contínuo do analisando, conseqüentemente, não se admite que um dia toda resistência possa ser suprimida. Posto isso, a *Durcharbeitung* é um conceito concernente ao trabalho efetuado pelo analisando sobre as próprias resistências. Após a interpretação das resistências por parte do analista, faz-se necessário tempo e paciência para que o analisando tente enfrentar e superar as próprias resistências em um verdadeiro trabalho psíquico, propiciando a possibilidade de recordação de uma memória outrora inconsciente. O sujeito pode, então, recordar as lembranças recalcadas, assim como furar a atuação (*acting out*). Em relação a esse ponto, a *Durcharbeitung* demonstra ser um trabalho por meio do qual o sujeito poderia libertar-se de seus próprios mecanismos de repetição.

Não podemos confundir a *Durcharbeitung* com uma simples aceitação intelectual das resistências, já que ela se aproxima mais de uma convicção baseada na apropriação subjetiva do conteúdo de uma análise, ou melhor, estabelecida pela experiência vivida no campo transferencial. O verbo *durcharbeiten*, introduzido por Freud em seu texto de 1914, de fato, diz respeito a um trabalho exaustivo por causa das resistências e que continua insistindo, apesar delas. No próximo tópico, discutiremos, a partir do texto “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2010b), a *Durcharbeitung* em relação à exigência pulsional.

## Uma fase de esforço tenaz

No tópico anterior, a resistência foi abordada como aquilo que se trata de “elaborar”. Agora, discutiremos os tipos de resistências e as distinções entre elas com o intuito de, assim como Freud (1926/2010b) o fez em “Inibição, sintoma e angústia”, apreender melhor o fator dinâmico que torna a *Durcharbeitung* necessária e compreensível.

Esse texto de 1926 corresponde a uma época em que o ensino freudiano já se encontra no âmbito de sua segunda tópica. Freud retoma ali a questão da resistência, que, como já discutimos, foi abordada muito precocemente, podendo inclusive ser rastreada na origem do método psicanalítico. Trata-se de um fenômeno restrito ao tratamento, uma problemática que não se limitou ao início da obra freudiana. De toda maneira, no momento, estamos debatendo a resistência em Freud e o papel disso com relação ao conceito de *Durcharbeitung*. Por essa razão, é mister observarmos que, em seu escrito “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010e), o inconsciente não caracterizava nenhuma forma de resistência no desenrolar do tratamento. Esse é um dado importante para a nossa leitura de “Inibição, sintomas e angústia” (Freud, 1926/2010b), pois marca a resistência como proveniente do eu.

Essa delimitação da resistência só foi possível graças às torções teóricas proporcionadas após o texto de 1920. Quais foram elas? Em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010e), o conceito de pulsão de morte foi formulado e uma série de reviravoltas teóricas teve início, marcando profundamente a psicanálise. A repetição não ficou de fora dessas mudanças, pois, em 1914, os conceitos de repetição e transferência se encontravam no texto “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/2010a) unidos de forma indissociável. A partir de 1920, a manifestação clínica da repetição é retomada por Freud e passa a receber um caráter pulsional. Trata-se de uma repetição que nunca foi prazerosa, uma repetição da vivência de dor, de experiências do passado que nunca trouxeram satisfação prazerosa, mas que curiosamente não deixa de ser um polo de atração. Valendo-se da análise dos sonhos traumáticos e da repetição do *fort-da*, Freud (1920/2010e) conclui que o sujeito repete, de forma inconsciente e insistente, o que lhe traz dor e sofrimento.

Estamos falando de uma compulsão à repetição que, após o texto de 1920, ganha uma dicotomia, já que temos, de um lado, uma repetição governada pelo princípio do prazer e, de outro, uma repetição centrada naquilo que nunca foi prazeroso. Isso é uma consequência de um dos pontos centrais do texto “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010e): no questionamento sobre o princípio do prazer, que, até então, era mensurado com base na quantidade de excitação. Essa perspectiva quantitativa não se mostrava suficiente para dar conta de algumas questões, tal como as repetições centradas na força do traumático, exigindo de Freud a postulação de novos conceitos e mudanças teóricas. A pulsão de morte é o que marca essa virada teórica, com sua tendência de reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico,

o chamado retorno ao inanimado. Dessa pulsão, a repetição tira a sua força propulsora, a pulsão de morte rege a repetição, essa é a única saída encontrada pelo essencial do material recalcado. Ademais, a repetição deixa de ser algo restrito ao campo transferencial. Para além dos limites da análise, a repetição, com seu caráter pulsional, é, então, entendida como algo inerente à condição humana, presente na vida de todos.

Em 1920, a compulsão à repetição deixa de ser pensada como resistência, enquanto esta passa a ser referida ao “eu”. Anos mais tarde, Freud mantém a resistência do “eu” e acrescenta a existência de mais quatro tipos de resistências espalhadas pelas instâncias psíquicas. Das cinco, três encontram a sua fonte no “eu” e são diferentes entre si, em sua natureza dinâmica. São elas: o recalçamento, uma manifestação clínica do sujeito que visa à proteção daquilo que causaria sofrimento se emergissem na consciência, por exemplo: impulsos, recordações e sentimentos; a resistência de transferência que atua contra impulsos infantis que podem emergir em relação à pessoa do analista; o benefício secundário da doença. A resistência do supereu (reação terapêutica negativa) encontra-se enraizada no sentimento inconsciente de culpa do sujeito e na sua necessidade de punição. Em matéria de discernimento e de abordagem, é a resistência mais difícil para o analista por causa dos sentimentos de culpa que exigem punição. Deixamos, por último, a resistência do “isso” (compulsão à repetição), não apenas devido ao entendimento freudiano de que “após a remoção da resistência do Eu ainda há que superar o poder da compulsão à repetição, a atração dos modelos inconscientes sobre o processo instintual reprimido” (Freud, 1926/2010b, p. 107), mas, principalmente, porque a resistência do “isso” é aquela que torna necessária a *Durcharbeitung*. Ela é considerada por Freud como uma resistência de ordem pulsional que atua contra as mudanças. Na passagem de “Inibição, sintomas e angústia” (Freud, 1926/2010b), em que se discute o abandono das resistências por parte do “eu”, Freud (1926/2010b, p. 107) retoma o verbo *durcharbeiten*: “Pois notamos que o Eu ainda acha dificuldades para fazer retrocederem as repressões, mesmo após haver decidido abandonar suas resistências, e denominamos “elaboração” a fase de exaustivo empenho que se segue a tal decisão louvável”.

Nesse contexto, o *durcharbeiten* é compreendido em termos de um enfrentamento da compulsão à repetição. Ao tentar furá-la, o sujeito poderá encontrar a possibilidade de construir novos caminhos pulsionais e de se libertar do jugo da pulsão de morte.

Anos mais tarde, no texto “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937/2010f, p. 310), a resistência do “isso” (compulsão à repetição) é retomada no sentido de inércia psíquica.

Em outro conjunto de casos somos surpreendidos por uma conduta que só podemos relacionar a um esgotamento da plasticidade normalmente esperada, da capacidade de mudar e seguir se desenvolvendo. Estamos preparados para um certo grau de inércia psíquica na análise; quando o trabalho analítico abre novos caminhos para um impulso instintual, observamos quase sempre que eles não são percorridos sem uma clara hesitação. Designamos essa atitude,

talvez não muito corretamente, como “resistência do Id”. Mas nos casos a que me refiro, todos os desenvolvimentos, vínculos e distribuições de força se revelam imutáveis, fixos e rígidos.

A inércia psíquica é um dos elementos que dificultam o trabalho da análise. Ela se encontra em todas as fases do processo analítico e se caracteriza pela falta de mobilidade da libido que se recusa a abandonar suas fixações. Trata-se de uma manifestação da pulsão de morte, assim como esta também se manifesta como compulsão à repetição. Assim, a inércia se encontra vinculada à pulsão de morte e só pode ser explicada por meio dela. A inércia, que se encontra sempre pronta a se contentar com uma solução incompleta, é aquilo que Lacan denominou de gozo. Ao lutarmos contra ela, a possibilidade de mudança subjetiva se faz presente, uma mudança no que diz respeito à regulação de dor e de prazer, entretanto isso não quer dizer que, algum dia, será possível alcançar um controle completo sobre o gozo. Pensar diferente disso seria admitir como plausível o saber completo.

O aspecto pulsional, no texto de 1926, encontrava-se relacionado à resistência do “isso” e não pode ser confundido com algo que tem relação exclusivamente com a articulação significativa; no texto de 1937, sobre os limites do término de uma análise, tal aspecto é valorizado de tal forma que o fator quantitativo na neurose se encontra no cerne da discussão acerca do tratamento psicanalítico e sobre a possibilidade de êxito. A questão da inércia psíquica vem para demonstrar justamente isso.

As forças pulsionais marcam o fim de uma concepção de análise restrita à decifração das formações do inconsciente, afinal, nem tudo é da ordem do deciframento. Em suma, na transferência, foi identificada a presença de algo que não pode ser decifrado e que se apresenta como um fator quantitativo, por exemplo: a inércia psíquica que é, na verdade, um fator não significativo e que diz respeito às forças pulsionais. Nesse contexto, em que o ensino de Freud (1926/2010b) ainda estava sob os efeitos das mudanças que aconteceram após os anos 1920, a *Durcharbeitung* é concebida como algo articulado a um fator quantitativo (Bernardes, 2003), uma fase de esforço tenaz que se faz necessária, devido ao fator não significativo presente na transferência.

Quais são as consequências da articulação da *Durcharbeitung* com o fator quantitativo? Para esclarecer isso, é importante lembrar o que foi dito sobre a advertência de Freud aos médicos iniciantes na prática psicanalítica, ou seja, não adianta simplesmente nomear a resistência sem antes dar tempo ao analisando para elaborá-la. Esse é um entendimento que se manteve em Freud, mesmo em seus trabalhos mais derradeiros. Por exemplo, no texto “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937/2010f), ele adverte seus leitores que não adianta antecipar conflitos possíveis, uma vez que a simples comunicação verbal não induz a resultados. Estamos falando da ambição de alguns psicanalistas da época de Freud que acreditavam na possibilidade de evitar, por meio de instrumentos transferenciais,

conflitos ainda inexistentes por meio do tratamento profilático. O paciente pode até escutar a mensagem, mas isso não provocará a reação desejada, sobretudo uma alteração. O que acontece é um ganho de conhecimento, nada mais. Freud compara isso à situação em que as pessoas, ao lerem trabalhos psicanalíticos, só se atentam às passagens relacionadas aos conflitos ativos no presente, contudo permanecem indiferentes a todo o resto do texto e a tudo aquilo que ele pode representar para a sua vida, portanto o saber simplesmente entregue pelo analista de nada tem valor, pelo menos no que diz respeito às mudanças.

Somente aquele saber construído pelo analisando, ou seja, decorrente do esforço tenaz e ligado ao fator quantitativo, que aqui relacionamos com a *Durcharbeitung*, é que teria algum efeito de retificação subjetiva. Vemos, então, que a *Durcharbeitung* demanda um tempo, principalmente pelo fato de que oferecer um saber ao analisando não é suficiente para que alguma mudança aconteça. O tempo de travessia de uma análise é imprevisível. Ele não pode, em hipótese alguma, ser determinado pelo analista, e se encontra diretamente relacionado ao trabalho de perlaboração do analisando. Nesse sentido, no tópico seguinte abordaremos a relação entre a estrutura da temporalidade do tratamento analítico e a sua relação com a *Durcharbeitung*. Para tanto, será necessário compreendermos minimamente a temporalidade do inconsciente e o conceito lacaniano de tempo lógico.

## **A *Durcharbeitung* e o tempo para compreender**

A elaboração das resistências, por parte do analisando, exige um tempo impossível de determinar, ou seja, ninguém pode prever a data do término de uma análise. Afinal, o inconsciente é atemporal. A dimensão temporal do tratamento analítico não é a mesma com que estamos familiarizados. De fato, para entendermos o trabalho de perlaboração do analisando, devemos compreender como a *Durcharbeitung* se articula com a atemporalidade do inconsciente e o tempo lógico da análise.

Não encontramos um texto de Freud que fale especificamente sobre o tempo, o que não diminui a importância dessa questão para a psicanálise. Podemos encontrá-lo em várias passagens, ao longo de toda a sua obra, inclusive nos últimos textos. Um grande exemplo disso é a maneira como o conceito fundamental do inconsciente fora apresentado, em seus escritos, como atemporal. Em seu artigo de 1915, “O inconsciente”, essa questão da atemporalidade do inconsciente é posta em relação aos seus processos: “Os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema *Cs*” (Freud, 1915/2010g, p. 128, grifos do autor).

Diante disso, vemos que os processos do inconsciente não adotam a lógica de tempo com que estamos familiarizados, ou seja, aquela que segue uma linha de tempo na qual um

acontecimento, em um fluxo encadeado de eventos, deve necessariamente se apresentar como posterior àquilo que o causa. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, conseqüentemente, aquilo que sustenta seu tempo obedece ao funcionamento do significante.

O conceito de *Nachträglichkeit* de Freud, a retroação ou a ação *ex post facto*, serve muito bem para entendermos essa atemporalidade inconsciente. Esse conceito indica que um primeiro evento acontece em determinado ponto da estrutura temporal, mas não recebe significação alguma, podendo até passar despercebido pelo sujeito. Somente depois, quando o segundo evento ocorre, o primeiro poderá ganhar uma significação de um trauma. Assim, afirmamos que, para o sujeito, o primeiro momento não aconteceu, não existiu, pelo menos até o segundo, quando ele, de fato, passa a existir, configurando, assim, esse paradoxo em que o segundo engendra o primeiro.

Nessa perspectiva, a atemporalidade do inconsciente exige dois momentos em que o primeiro é causado, em sua significação, pelo segundo. Além disso, entre a causa e o efeito, há lacuna, há hiância, o que nos remete àquilo que muito posteriormente Lacan (1965/2008a, p. 29) defendeu: “só existe causa para o que manca”.

Algo não anda bem em função dessa descontinuidade, o que, para Lacan (1964/2008a), não era um problema que deveríamos tentar solucionar. Ele não se esqueceu, ao contrário de seus contemporâneos psicanalistas, do ensino freudiano de que o caminho do inconsciente deve ser procurado nas lacunas das manifestações conscientes (parapraxias, chistes e sonhos). Essa indicação de Freud (1915/2010g) é encontrada em seu artigo “O inconsciente” e, por causa dela, não nos surpreendemos quando Lacan (1964/2008a, p. 29) afirma: “Muito bem, o inconsciente freudiano, é nesse ponto que eu tento fazer vocês visarem por aproximação que se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação”.

Lacan (1953/1998a), em seu retorno a Freud e por meio de uma apreensão da linguística saussuriana, abordou essa falta de continuidade em termos de uma significação como efeito da retroação temporal, o que pode ser ilustrado por meio da experiência da fala, ou seja, em uma frase, o sentido só é alcançado em seu término. A sua significação só se torna possível com a revelação de todos os significantes, sendo assim, o sentido desliza por toda a longa cadeia de significantes. Enquanto não houver uma explicitação de todos os significantes de uma frase, o seu significado não será estabelecido. Afinal, o significado é o que um significante representa para outro significante e, conforme o esquema apresentado por Lacan (1953/1998a), da significação, os significantes vão sendo apresentados um a um, isto é, em cadeia; somente após o último ser revelado o processo de significação encontra a sua conclusão em uma retroação em que o segundo atua sobre o primeiro.

Referimo-nos ao “ponto de basta” para o qual toda cadeia de significantes converge, a espiral recorrente em que se apreende a significação de uma frase. Trata-se de

uma operação em que o significante detém o deslizamento da significação com a sua função diacrônica na frase, que é a chamada operação do “ponto de basta”, na qual se encontra a dimensão temporal do significante, tão cara à psicanálise, uma temporalidade retroativa.

Essa maneira de trabalhar o tempo, de uma forma diferente daquela linear, também se encontra no texto de Lacan (1945/1998b), “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma”.

Apoiado no tempo lógico introduzido nesse texto de 1945, Lacan retoma outra maneira de conceber o tempo, ou seja, de uma forma não linear. Vejamos, então, o tão famoso sofisma introduzido, ali, por Lacan (1945/1998b), após lhe ser apresentado por André Weiss. Trata-se do problema dos três prisioneiros que precisam tomar uma decisão para ganhar a liberdade. Esse problema de lógica se configura com o diretor de um presídio oferecendo a três prisioneiros um teste, que, se cumprido, traria o benefício de uma medida liberatória. Assim, cada um recebe um disco cuja cor é indeterminada, sendo que o total de discos são cinco, três brancos e dois pretos. Um disco é colocado nas costas de cada prisioneiro, e eles só poderiam observar a cor do disco do outro e não a do próprio, sendo-lhes negada a passagem de qualquer informação sobre as cores postas em jogo, o que não significava que eles não poderiam conversar entre si. Esse dado é importante, porque indica que o prisioneiro, ou seja, o sujeito, não se encontra só: ele pode falar com o outro e, quem sabe, ouvir o Outro do discurso inconsciente. A tarefa, assim, consiste em determinar logicamente a cor do próprio disco. O primeiro que conseguisse adivinhar a cor e explicar a sua conclusão poderia sair pela porta da frente. Segundo Lacan (1945/1998b), o diretor, sem utilizar os discos pretos, distribuiu três discos brancos, e as soluções apresentadas foram as seguintes:

Depois de se haverem considerado entre si por um certo tempo, os três sujeitos dão juntos alguns passos, que os levam simultaneamente a cruzar a porta. Em separado, cada um fornece então uma resposta semelhante, que se exprime assim:

Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: “Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo, não sou preto.” E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta afora, para dar a conhecer minha conclusão. (Lacan, 1945/1998b, p. 198).

Nenhum dos prisioneiros conseguiu conquistar a liberdade. Como isso se explica? A solução é construída em razão de duas hesitações. Inicialmente, uma dúvida quanto à própria cor surge em função do movimento dos outros dois, na medida em que cada um dos prisioneiros entende a partida dos companheiros como a confirmação de que o próprio disco é preto. O momento de concluir foi precipitado em razão dos três pararem juntos. Assim, uma dúvida lhes atravessa ao mesmo tempo, descartando a possibilidade de que

haja um disco preto em jogo. Eles concluem que a segunda hesitação era a prova de que havia três brancos e agem como tal. Nas hesitações, ou melhor, nas paradas existe deveras um progresso lógico que se realiza com a escansão precedente.

Nesse artigo de 1945, Lacan se encontra às voltas com a finitude do sujeito. De fato, o sofisma seria um apelo ao sujeito que deveria dizer o que é. Tal como os prisioneiros, ele não tem ideia da cor que foi colocada em suas costas pelo outro.

Em um primeiro momento, encontramos um valor instantâneo de evidência: o sujeito vê tudo que encontra fora de si, sem que, com isso, descubra quem é, eis o instante de ver. Passando ao momento seguinte, o tempo para compreender, uma elaboração é realizada, o que exige tempo. Nesse segundo momento, o sujeito não tem a convicção necessária para dizer quem é. Ele hesita e se detém para olhar os outros. O terceiro momento se apresenta no tempo lógico, como a pressa, e corresponde ao momento do ato em que há uma precipitação, apressando-se para concluir: os três prisioneiros se posicionam e saem da hesitação para uma certeza, mas sem nenhuma garantia. A certeza do sujeito encontra seu fundamento na expectativa do outro. É somente apoiando-se nisso que a urgência em concluir se torna possível. O momento de concluir é relativo à “asserção do sujeito” e se produz num instante de decisão em que há um desprender, por parte do sujeito, da suposição atribuída ao outro. Nessa suspensão do saber, correspondente, no sofisma, ao momento da hesitação dos outros prisioneiros, a decisão é precipitada em um ato, que confirma e produz a asserção do sujeito.

Os três tempos não cronológicos (instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir) são apresentados por Lacan em seu texto de 1945, com base na intenção de assinalar, em uma situação muito precisa, a emergência do sujeito. De fato, eles são coerentes com a temporalidade lógica da constituição do sujeito, porém, posteriormente, essas escansões passaram a ser relacionadas com os momentos do processo analítico.

De acordo com Fingermann (2009), podemos afirmar que a entrada em análise se estabelece após uma retificação subjetiva e corresponde ao primeiro dos tempos lógicos, o instante de ver ou de olhar, porém, antes desse instante inaugural da experiência analítica, há um tempo que não podemos esquecer e que é referente às entrevistas preliminares. O término delas acontece justamente em um ponto de virada, marcado pela subversão do sujeito, ou seja, em um vacilo inaugural do sujeito que precipita o instante de ver. Essa retificação subjetiva não deixa de ser aquilo responsável por bascular a relação fixa do sujeito com a realidade, uma implicação subjetiva (Fingermann, 2009). Contudo, essa entrada em análise é dependente da operação do discurso do analista, do ato do analista que conclui, com seu ato, o tempo das entrevistas e convida o analisando ao divã, quer dizer, à regra da associação livre e às suas consequências. Sendo assim, o instante de ver é um momento de interrogação referente ao desejo do Outro que necessita da validação do analista por meio do

ato. Voltando ao sofisma, é certo afirmar que a intervenção do diretor deflagra a passagem do instante de ver para o tempo para compreender, o que representaria para os prisioneiros um momento de retificação subjetiva. Isso pode ser relacionado, no caso do *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]/2010h), com o momento do olhar petrificado e petrificante dos lobos, no qual o sujeito se pega em flagrante em uma satisfação no campo do Outro.

O tempo seguinte, diferentemente do instante de ver marcado por uma duração certa, tem um tempo cuja duração é incerta. Como vimos, no sofisma dos três prisioneiros, o tempo para compreender é caracterizado por um tempo de espera indefinido, pois ele objetiva o tempo de meditação e de reflexão a respeito dos demais prisioneiros, afinal só é possível deduzir a cor do próprio disco refletindo sobre as reações dos outros e se relacionado com os demais prisioneiros. Na análise, o seu sentido também é o da espera, porque, sem isso, não haveria possibilidade de precipitação do sujeito em direção ao tempo seguinte. Entre um instante de um começo e a pressa de um fim, o segundo tempo lógico fica como que aspirado, precedendo a certeza do sujeito sobre si mesmo, em outras palavras, a certeza para responder se o seu disco é preto ou branco. O tempo para compreender que perpassa a análise é abalizado pela regra fundamental da associação livre, tendo, como suporte, a orientação da transferência.

Esse segundo tempo se encontra implicado na transferência, que é a realidade do inconsciente posta em ato, na qual o sintoma, o *acting out* e a queixa se desdobram como repetições, atualizações das relações dos sujeitos com o Outro. Essa relação do segundo tempo lógico com a transferência é ilustrada por meio do sofisma dos três prisioneiros, mais especificamente quando a solução do enigma se dirige ao diretor da prisão, assim como um sintoma que se precipita em uma análise em direção ao Outro da transferência. Isso faz sentido, principalmente, quando assumimos que, na análise, o analista ocupa o lugar de diretor que promete uma saída para a prisão, convida-o para resolver o enigma da própria condição humana.

Em se tratando do caso *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]/2010h), o tempo para compreender pode ser relacionado ao trabalho de reconstrução das cenas apoiado nos sonhos, assim como a alucinação do dedo cortado; porém não podemos esquecer que, quanto a essa reconstrução, há uma controvérsia, já que alguns entendem que o trabalho foi realizado por Freud, assim como ele mesmo defendia, e que isso trouxe consequências para o caso. De qualquer maneira, afirmamos que a nossa leitura é a de que, no tempo para compreender, o sujeito, na associação livre, constrói a sua cena fantasmática na transferência, enquanto, por meio das intervenções e dos cortes que inserem a descontinuidade do inconsciente do sujeito, o analista maneja e dirige a análise em direção do momento de concluir. Com efeito, a conclusão do tempo para compreender é o ato analítico de atravessamento da fantasia fundamental, o que desemboca no momento de concluir.

O momento de concluir, assim como o instante de ver, é instantâneo, porém ele se diferencia do primeiro tempo lógico ao precipitar o sujeito, munido de uma certeza sem garantias sobre si mesmo, em direção ao prêmio. Quanto ao sofisma, sabemos que se trata da liberdade prometida ao primeiro, que é apostar corretamente na cor do próprio disco. Segundo Kehl (2009, p. 114), há nesse momento

[...] algo da ordem de uma independência em relação ao que o outro sabe sobre ele se produz ali, no momento de concluir. O momento de concluir é o tempo do advento do sujeito propriamente dito, que se desprende do registro da identificação com seus companheiros de cela para afirmar, por sua conta e risco, quem ele é.

## Considerações finais

A análise exige tempo, muitos passam anos sem nunca vivenciar o seu término, pois ela é perpassada por um tempo que não pode ser calculado e delimitado previamente. Em lugar de uma cronologia, o que perpassa uma análise é um tempo ordenado pela retroatividade temporal do significativo, a lógica do *nachträglich*.

Nessa estranha temporalidade, o analisando, em sua elaboração analítica, precisa de um tempo imprevisível. Sendo assim, encerramos este artigo afirmando que o conceito essencial da *Durcharbeitung* é uma fase de esforço tenaz por parte do analisando, uma vez que é responsável pela maior influência modificadora na análise. Trata-se de um trabalho insistente que se faz sob transferência e que segue em frente, apesar e por causa das resistências, dos obstáculos à rememoração e da impossibilidade de se dizer tudo; um trabalho que perpassa a análise e que deve ser relacionado com o tempo para compreender.

O tempo para compreender indica como a análise oferece a oportunidade de experimentar outras possibilidades, inclusive uma temporalidade outra, muito diferente daquela que segue a marcação dos ponteiros do relógio e as demandas de uma sociedade capitalista. Essa é uma estranha temporalidade, que se encontra mais afinada com a temporalidade da pulsação do sujeito do inconsciente. Inaugurada desde as entrevistas preliminares, essa temporalidade é, segundo Fingerhann (1998, p. 10), “sem pé nem cabeça”, inaugura-se aí, já que nessa ficção que artificializa a verdade do sujeito o presente se anuncia atropelado por um futuro suposto, formatado por um passado hipotético que nunca foi”.

Da mesma maneira que o tempo para compreender dos prisioneiros era indeterminado, a *Durcharbeitung* não tem um tempo cronológico para ser calculado e delimitado previamente. Com seu tempo lógico, que perpassa a análise, e ordenado pela retroatividade temporal, ou seja, pela lógica do *nachträglich*, ela se encontra entre o instante de ver e o momento de concluir e se apresenta como um intervalo lógico, um tempo de resignificação, no qual, em relação aos significantes da própria história, o sujeito se reposiciona.

Não por acaso, no *Seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954/1986) criticou a chamada análise das resistências, justamente por ela desconsiderar a importância do tempo do *durcharbeiten*. Conforme afirma, haveria nela uma “pressa em desvelar ao sujeito os *patterns* do ego, as suas defesas, os seus esconderijos, e é por isso que a experiência no-lo mostra e Freud no-lo ensina [...] – ela não faz o sujeito dar um passo a mais” (Lacan, 1953-1954/1986, p. 325, grifo nosso). Os teóricos da análise da resistência entendem a *Durcharbeitung* como trabalho pertencente ao analista. Contudo, seguimos a assertiva de que a *Durcharbeitung* se encontra ao lado do analisando e que este, no processo analítico, está em uma posição incansável de produção de sentido, articulando significantes que lhe são próprios e que marcam sua história.

Dessa forma, podemos afirmar que o analisando apresenta um trabalho analítico de busca incansável por sentido que poderia, muito bem, ser representado pelas voltas insistentes numa banda de *moebius* (Bernardes, 2003), um trabalho tenaz em direção a um limite e ao seu momento de concluir. Tendo isso em vista, a articulação possível entre o conceito freudiano da *Durcharbeitung* e o tempo para compreender aponta para novas direções em nosso campo de interesse, instigando-nos a continuar trabalhando.

## Referências

- Bernardes, A. C. (2003). *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Birman, J., & Nicéas, C. A. (1981). *Transferência e interpretação: teoria da prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Fingermann, D. (2008). O “tempo” de uma análise. *Heteridade: Revista de psicanálise*, n. 7, 10-14. Recuperado em 14 janeiro, 2017, de <http://docplayer.com.br/18748167-Heteridade-7-revista-de-psicanalise-os-tempos-do-sujeito-do-inconsciente-a-psicanalise-no-seu-tempo-e-o-tempo-na-psicanalise.html>.
- Fingermann, D. (2009). O tempo na experiência da psicanálise. *Revista USP*, n. 81, 58-71. Recuperado em 28 fevereiro, 2019, de <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13731>.
- Freud, S. (2010a). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (Vol. 10, pp. 193-209, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2010b). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (Vol. 17, pp. 13-123, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).

- Freud, S. (2010c). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia ("o caso Schreber")*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) (Vol. 10, pp. 133-146, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2010d). Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In S. Freud. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos)*: uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) (Vol. 9, pp. 123-284, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2010e). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")*: além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (Vol. 14, pp. 161-139, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2010f). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Moisés e o monoteísmo: compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (Vol. 19, pp. 274-326, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2010g). O inconsciente. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp. 99-150, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010h). História de uma neurose infantil. In S. Freud. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*: além do princípio do prazer e outros textos (Vol. 14, pp. 13-160, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1918 [1914]).
- Freud, S. (2010i). *Estudos sobre a histeria* (Vol. 2, pp. 14-427). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1893-1895).
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1998b). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1945).
- Lacan, J. (1986). *O seminário – Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (2008a). *O seminário – Livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (2008b). *O seminário – Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960/2008).
- Lacan, J. (1992). *O seminário – Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1960-1961).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1996). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

## Resumo

A *Durcharbeitung*, com sua busca incansável por sentido que poderia, muito bem, ser representada pelas voltas insistentes numa banda de *moebius*, levou-nos a questionar: de qual maneira ela se encontra articulada à questão do tempo no processo analítico? Diante desse questionamento, propomos um percurso entre os textos freudianos em que esse conceito foi referido pontualmente, seja na sua forma substantiva, *Durcharbeitung*, seja na verbal, *durcharbeiten*. Em seguida, discutimos a temporalidade da situação analítica a partir do conceito de *Nachträglichkeit* de Freud, a retroação ou a ação *ex post facto*. Enfim, por meio da reflexão de Jacques Lacan acerca do conceito de tempo lógico, abordamos a possível articulação entre o *durcharbeiten* e o “tempo para compreender”.

**Palavras-chave:** *Durcharbeitung*. Tempo lógico. Psicanálise.

## The *Durcharbeitung* by Freud and the Logic Time in Lacan: A Possible Join

### Abstract

The *Durcharbeitung*, with its relentless quest for meaning which could very well be represented by the insistent turns in a moebius band, led us to question: how is it articulated to the question of time in the analytic process? In the face of this questioning, we propose a course between the Freudian texts in which this concept was referred to punctually, whether in its substantive form, *Durcharbeitung*, or in the verbal, *durcharbeiten*. Next, we discuss the temporality of the analytic situation from Freud's concept of *Nachträglichkeit*, retroaction or *ex post facto* action. Finally, through the reflection of Jacques Lacan on the concept of logical time, we approach the possible articulation between the *durcharbeiten* and the “time to understand”.

**Keywords:** *Durcharbeitung*. Logical time. Psychoanalysis.

## La *Durcharbeitung* freudienne et l'heure logique à Lacan: un joint possible

### Résumé

La *Durcharbeitung*, avec sa quête incessante de sens qui pourrait très bien être représentée par les tournants insistants dans un groupe de Moebius, nous a amenés à nous demander: comment est-il articulé à la question du temps dans le processus analytique? Face à ce questionnement, nous proposons un parcours entre les textes freudiens dans lequel cette notion était évoquée ponctuellement, que ce soit sous sa forme matérielle, *Durcharbeitung*, ou verbalement, sous sa forme *durcharbeiten*. Ensuite, nous discutons de la temporalité de la situation analytique à partir du concept de *Nachträglichkeit*, de rétroaction ou d'action *ex post facto* de Freud. Enfin, à travers la réflexion de Jacques Lacan sur le concept de temps logique, nous abordons l'articulation possible entre le *durcharbeiten* et le “temps pour comprendre”.

**Mots-clés:** *Durcharbeitung*. Temps logique. Psychanalyse.

## ***Durcharbeitung* freudiana y tiempo lógico en Lacan: una conjunta posible**

### **Resumen**

*Durcharbeitung*, con su incansable búsqueda de sentido que muy bien podría estar representado por los insistentes giros en una banda de moebius, nos llevó a preguntarnos: ¿cómo se articula con la cuestión del tiempo en el proceso analítico? Ante este cuestionamiento, proponemos un camino entre los textos freudianos en los que este concepto se menciona ocasionalmente, ya sea en su forma sustantiva, *Durcharbeitung*, o en su forma verbal, *durcharbeiten*. Luego, discutimos la temporalidad de la situación analítica a partir del concepto freudiano de *Nachträglichkeit*, retroacción o acción ex post facto. Finalmente, a través de la reflexión de Jacques Lacan sobre el concepto de tiempo lógico, nos acercamos a la posible articulación entre *durcharbeiten* y “tiempo de comprender”.

**Palabras clave:** *Durcharbeitung*. Tiempo lógico. Psicoanálisis.